

GT 010. Antropologia da Economia

Arlei Sander Damo (UFRGS) - Coordenador/a Eugenia de Souza Mello Guimarães Motta (Instituto de Estudos Sociais e Políticos) - Coordenador/a, Gustavo Gomes Onto (UFRJ) - Debatedor/a, Lúcia Helena Alves Müller (Pontificia Universidade Católica do Rio Grande dos Sul) -

Debatedor/a Desde o nascimento da nossa disciplina os interc?mbios de objetos e riquezas, mediados ou n?o pelo dinheiro, as formas de valora??o e de provimento das condi?es materiais de continuidade da vida foram objeto de descri??o e interpreta??o a partir dos modos de vida dos ?outros?. As teorias econ?micas j? tinham grande import?ncia nas sociedades a partir das quais surgiu a antropologia e, nas ?ltimas d?cadas, se tornaram uma verdadeira linguagem global. A import?ncia dos especialistas, sejam acad?micos ou gestores governamentais, nunca foi t?o grande, tendo esses um papel preeminente no desenho de pol?ticas de larga escala. Economia, portanto, concerne a uma multiplicidade de objetos, temas e possibilidades de abordagem que implicam, sempre, o questionamento sobre a pr?pria defini??o sobre o que seja ?a economia? ou que caracterize algo ? pr?tica, teoria ? como ?econ?mico?. A Antropologia da Economia vem ganhando novo f?lego, com a organiza??o de diversos eventos e publica?es acad?micos voltados a essa ?rea de estudos. O objetivo do GT ? propiciar um espa?o dedicado a colocar em di?logo trabalhos que possibilitem explorar a multiplicidade de sentidos da economia, as diversas escalas de observa??o que ela permite e provoca e as ambiguidades e misturas que colocam em quest?o as fronteiras e limites do econ?mico, como a rela??o com as pr?ticas familiares, a intimidade, a religi?o, o consumo, a d?diva, a pol?tica, as moralidades e assim por diante.

O ?dinheirinho patikula?: reflexões sobre a monetarização entre os Kalapalo do Alto Xingu Autoria: Marina Pereira Novo

A intenção desse texto é apresentar algumas reflexões sobre o acesso e os efeitos da intensificação da monetarização entre os Kalapalo de Aiha (povo de língua karib, da região do Alto Xingu). Assim como outros povos indígenas do Brasil, eles vêm passando por um processo de transformação rápido e intenso, relacionado ao desejo e ao acesso ao dinheiro e ao ?mundo das mercadorias?. Ainda que esses recursos sejam provenientes de diversas fontes, as políticas de transferência de renda são, atualmente, a principal forma de acesso ao dinheiro das pessoas de Aiha. Os recursos dessas políticas possuem uma peculiaridade, se comprados aos demais ?tipos de dinheiro? acessados pelos Kalapalo, pois compreendem um acesso ?individual/familiar?, ou ?patikula?, como dizem, em contraposição aos recursos coletivos ? o dinheiro ou as coisas ?da comunidade?, katutolo engü (?coisas de todos?), ou seja, verbas e produtos industrializados advindos de projetos, visitantes, pesquisadores e por meio das associações indígenas. Com base em dados etnográficos, pretendo discutir como, ao circularem no cotidiano da aldeia, esses recursos (seja o dinheiro ou os objetos com ele adquiridos) contribuem para a criação e manutenção de formas específicas de relações, sejam elas de consanguinidade, afinidade ou amizade. Por um lado, a disponibilidade dos benefícios sociais permite que as pessoas supram seus desejos pelos objetos industrializados, ou pela também desejada escolarização e, ao mesmo tempo, permaneçam morando nas aldeias, sem precisar morar fora da aldeia. Por outro lado, seu acesso (que inclui a necessidade de cadastramento, atualização cadastral e saque dos valores) implica na permanência por tempos cada vez mais prolongados na cidade. Esse trânsito mais frequente, por sua vez, gera efeitos muitas vezes não previstos e nem sempre bem avaliados, ao fazer com que as pessoas se distanciem das tarefas domésticas e também de seus parentes. Adicionalmente, a satisfação dos desejos pelas mercadorias e pelo ?mundo do branco? tem sido acompanhada por um aumento



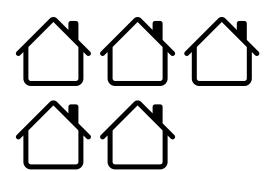
expressivo do que é desejável, aumentando também a necessidade dos recursos e, consequentemente, a frequência com que acabam se deslocando até as cidades. Um ciclo vicioso que parece não mostrar saídas: para a (re)produção do parentesco é cada vez mais necessária a circulação de mercadorias que, para serem adquiridas, exigem a imposição de fraturas (que podem ser muito breves, mas também muito sérias) nas redes de parentesco.

Trabalho completo

Realização:



Apoio:



Organização:

